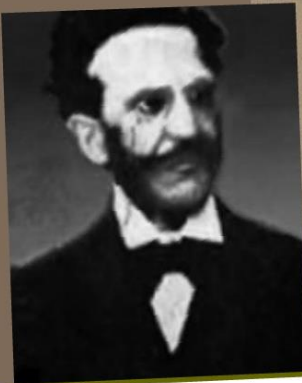
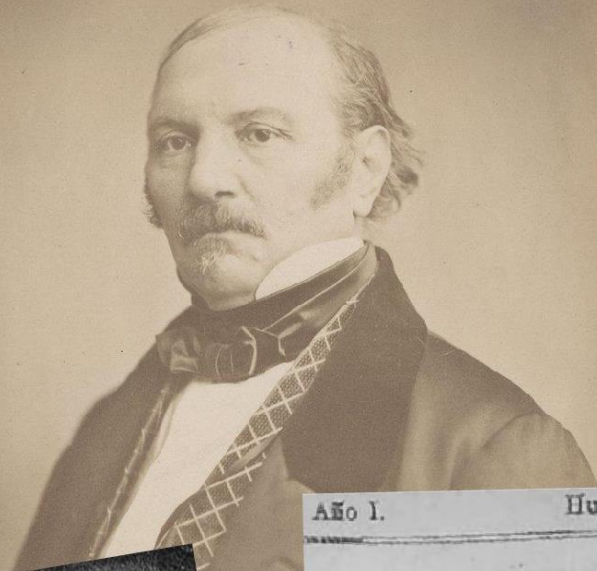


Quintín López Gómez

# ESBOÇOS DE EPISTEMOLOGIA ESPÍRITA



QUINTÍN LÓPEZ GÓMEZ



Autores Espíritas Clásicos



[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## **ESBOÇOS DE EPISTEMOLOGIA ESPÍRITA**

**Quintín López Gómez**

Original em Espanhol

**Esbozos de Epistemología Espírita**

**Este opúsculo contiene pues las memorias presentadas por Quintín López en el V Congreso Espírita Internacional celebrado en Barcelona en septiembre del año 1934.**

Tradução: Teresa da Espanha

Prefácio e Compilação: Salvador Martín (Ex-presidente da Federação Espírita Española)

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

***Portal Luz Espírita***

***Autores Espíritas Clássicos***



QUINTÍN LÓPEZ GÓMEZ

ESBOÇOS DA  
EPISTEMOLOGIA  
ESPÍRITA



CASA EDITORIAL MAUCCI

BARCELONA

ESPAÑA

# ÍNDICE

Biografia — pág. 6

Prefácio — pág. 12

## **QUINTÍN LÓPES GÓMES - ESBOÇOS DA EPISTEMOLOGIA ESPÍRITA**

I - Da noção de Deus— pág. 15

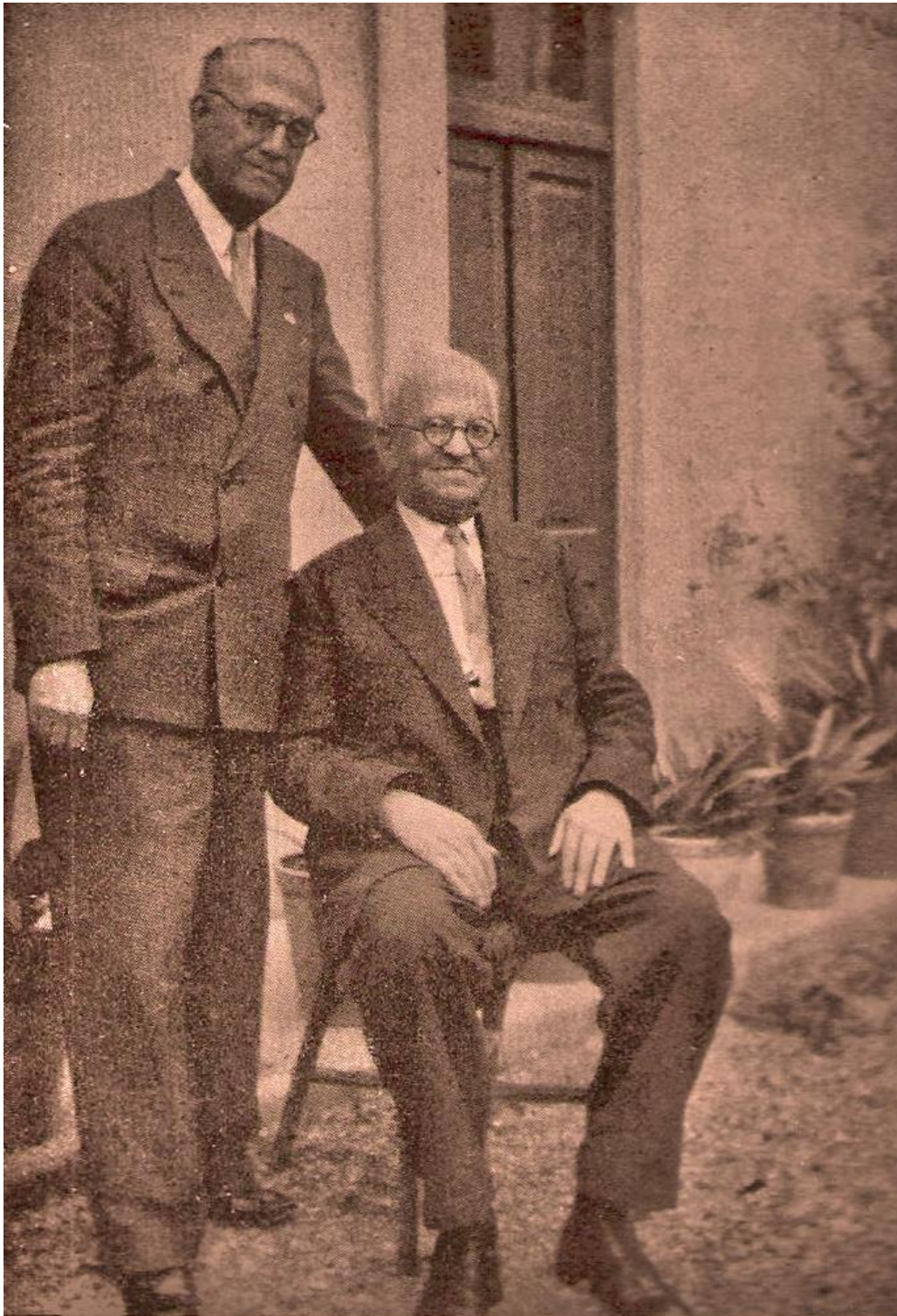
II - Como divulgar o Espiritismo? Qual o sistema de propaganda mais conveniente? — pág. 28

## **ANEXO**

Revista ***El Iris de Paz*** — pág. 32

Revista ***Lumen*** — pág. 34





**Don Salvador Molina, en pie  
Don Quintín López y Gómez, sentado**

# BIOGRAFIA

**Quintín López Gómez** (22 de maio de 1864 - 13 de maio de 1936) foi um escritor e jornalista espanhol, estudioso e divulgador da filosofia espírita, de grande talento e erudição. Ele foi reconhecido como um dos mais frutíferos escritores espíritas espanhóis e também entre os que mais divulgaram o Espiritismo na língua espanhola.

## INFÂNCIA E JUVENTUDE

Nasceu em Calvarrasa de Arriba (Salamanca) em 22 de maio de 1864. Teve uma educação instável durante sua juventude, desde que seu pai, um militar sem graduação, mudava frequentemente de residência. Ele chega a ter mais de quarenta professores diferentes devido a essas mudanças contínuas.

Aos quatorze anos, entra em uma gráfica em Jaca (Huesca), onde aprende o ofício gráfico, que irá desempenhar ao longo de toda a sua vida.

Foi nessa época que ele fez sua primeira incursão no campo das letras, em uma pequena publicação de Huesca, intitulada ***La Abeja Del Pirineo*** (*A Abelha dos Pirinéus*).

Aos dezessete anos, ele foi para outra gráfica, na categoria de oficial.

## O ENCONTRO COM O ESPIRITISMO.

Sua iniciação espírita data justamente dessa época, sendo seu

iniciador Alberto Atalaya, que emprestou a ele os *Preliminares para o Estudo do Espiritismo*, do Visconde Torres Solanot e um número de *La Luz del Porvenir (A Luz do Futuro)*, revista editada por Amalia Domingo Soler. Sentindo-se interessado nas publicações que estava lendo, decidiu tornar-se assinante.

Dois anos depois, participou na Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos, fundada em Huesca em 1877.

Coincidentemente, naquela época em que o jovem Quintín López (19 anos) chegava providencialmente à Sociedade Sertoriana, nascia o projeto de uma nova publicação. Seu conhecimento profissional na área de impressão, além de sua juventude e espírito colaborativo o levariam a assumir cuidadosamente a materialização do projeto, incluindo a preparação, impressão, dobramento e envio da publicação.



## REVISTA EL IRIS DE PAZ

Em 15 de março de 1883, via a luz na cidade de Huesca *El Iris de Paz (O Íris da Paz)*, uma publicação espírita quinzenal, que seria o órgão da sociedade.

Esta publicação espírita acabará sendo a janela para o exterior da Associação de Livres-Pensadores que dirigiu Mariano Marco, e também da Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos presidida por Domingo Monreal, aparecendo em suas páginas (inicialmente em formação in-8, a duas colunas) informações e trabalhos de colaboradores. Entre eles estavam: Amalia Domingo Soler, o Visconde de Torres Solanot, Enrique Oltra, Vicente Aguirre, Salvador Marco, Esteban Chavala, Severo Lasala, Sixto Huerta, Ramón Alamán, Pedro Morcate, Mariano Bellestar,



Constantino Oliveira, Mariano Pérez, Félix Ferrer, Bernabé Morera, Feliciano Sáenz e Lorenzo Fuyola, entre outros.

*El Iris de Paz*, suspensa após o surgimento de uma epidemia de cólera em Huesca, publicaria seu número 65 e último, em 31 de dezembro de 1885, e seus colaboradores passaram a ser enfermeiros ajudando a aliviar os efeitos da epidemia na cidade. Essa transformação dos membros da Sociedade Sertoriana em enfermeiros benevolentes motivou serem propostos para a Cruz de Beneficência, que eles rejeitaram.

Em 1889, mudou-se para Barcelona e, mais tarde, para Tarrassa, onde ocupou um cargo na prefeitura daquela cidade. Lá, ele se casou com María Rosa Coll y Coll, que seria sua companheira pelo resto de sua vida.

Naquela época, o movimento espírita espanhol havia crescido significativamente; centros e sociedades foram estabelecidos em todo o país; e numerosas revistas circulavam, como o *Jornal de Estudos Psicológicos* (Barcelona), *La Revelación* (Alicante), *El Buen Sentido* (Lérida), *El Criterio Espiritista* (Madrid), onde o jovem Quintín López passou a colaborar regularmente.



## REVISTA LUMEN

Em 1893, começou a ser publicada a revista *Lumen*, que mais tarde iria se unir por alguns anos com a *Revista de Estudos Psicológicos*, e continuaria a publicar em uma terceira fase até pelo menos 1926, quando deixou de publicar, devido a uma doença, aquela que tinha sido uma das melhores revistas espíritas.

## OBRAS

Quintín López Gómez publicou mais de cinquenta obras de sua autoria, onde abordou as mais diversas questões, sempre à luz do Espiritismo. Algumas de suas obras mais conhecidas:

- *ABC do Espiritismo;*
- *A arte de curar através do magnetismo;*
- *Conhece-te a ti mesmo;*
- *Dicionário de Metapsíquica e Espiritismo;*
- *Catolicismo romano e Espiritismo;*
- *O Espiritismo;*
- *O problema religioso;*
- *Filosofia do determinismo;*
- *Esboços de Epistemologia Espírita;*
- *Filosofia e Doutrina Espírita;*
- *Glossário de palavras novas ou incomuns no Espiritismo;*
- *Hipnotismo fenomenal e filosófico;*
- *Interessante para todos;*
- *A Mediunidade e seus mistérios;*
- *A metapsíquica;*
- *As ilusões da realidade e a realidade das ilusões;*
- *O que há sobre o Espiritismo;*
- *Os artigos da minha fé;*
- *Os Fenômenos psicométricos;*
- *Metafísica transcendente;*
- *Omniteísmo;*
- *Prometeu vitorioso ou ciência do sucesso;*
- *Rasgando o véu;*
- *Visão analítica do Espiritismo Kardeciano após meio século;*
- *“Les Vies Successives”*, memória apresentada ao Congresso Internacional de Londres. Traduzida para o espanhol por Victor Melcior y Farré, com prefácio de Quintín Lopes Gomes, Barcelona, 1898, Est. Tip. de Juan Torrens, 127 pp.

## **REFERÊNCIA FILOSÓFICA ESPÍRITA**

Em todos esses trabalhos é de destacar, além de um profundo conhecimento da Filosofia Espírita e de tudo aquilo que com o nosso ideal se refere, um sentido filosófico tão profundo, que muito bem poderíamos afirmar que Quintín López, junto com Gonzalo Soriano, são duas das mais fortes colunas filosóficas dentro do Espiritismo espanhol.

Interessou-se por todos os aspectos teóricos, culturais, práticos e experimentais da questão espírita. Relacionou importantes trabalhos de mediunidade experimental. Conhecia e aplicava o magnetismo. E também vinculou o Espiritismo às preocupações sociais e políticas de seu tempo.

Por isso, e muito mais, o pensamento filosófico de Quintín López Gómez é uma referência obrigatória para todos aqueles que desejam penetrar profundamente na essência do Espiritismo, compreendê-lo em todas as suas dimensões e nutrir-se de sua infinita sabedoria.

Altamente interessado e envolvido no progresso do movimento espírita no mundo, ele representou a Federação Espírita Espanhola em Londres no Congresso Espírita Internacional de 1922. Lá propôs a reorganização da Federação Espírita Internacional, desaparecida como consequência da primeira Guerra Mundial.

## **ÚLTIMOS ANOS**

Em 1934, aos 70 anos, voltaria a participar de um Congresso Mundial, o 5º Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, onde foi aplaudido e aclamado por delegados de todos os países participantes e foi reconhecido como um dos mais brilhantes pensadores que configuraram a Doutrina Espírita, a partir de sua codificação por Allan Kardec.

Uma longa doença interrompe suas tarefas e, finalmente, após uma intervenção cirúrgica, o septuagenário Quintín López retoma seus trabalhos, o que levou o Centro de Estudos Psicológicos de Sabadell a dedicar a ele uma merecida homenagem, à qual se uniu o movimento

espírita espanhol inteiro, em grandiosa prova de amor e respeito.

Muito pouco tempo depois, Quintín López desencarnou em Tarrassa, em 13 de maio de 1936, 09 dias antes de completar 72 anos. Não teve de passar, ao menos em corpo físico, pela angústia da situação criada pela insurreição franquista e pelo estabelecimento de uma ditadura com apoio clerical, que suprimiu as liberdades republicanas e perseguiu, com sanha e crueldade, todas as organizações progressistas, seculares e livres-pensadores, e dentro delas, é claro, o movimento espírita espanhol.



# PREFÁCIO

Desde o surgimento do Espiritismo, com a publicação de ***O Livro dos Espíritos***, em 18 de abril de 1857, grandes paladinos do conhecimento humano, da ciência, da política social, da literatura e de diversos âmbitos intelectuais, divulgaram as luzes com que contribuem para a humanidade com a defesa dessa nova ciência que mostra a verdadeira essência do ser humano.

É uma plêiade de personalidades que, na segunda metade do século XIX, coloca um ponto álgido no gráfico do progresso humano de todos os tempos. Reunidos em uma época concreta e particular, porém nas mais diversas latitudes e longitudes, chegaram ao mais alto em seus campos correspondentes, revolucionaram a ciência, a política e a defesa dos direitos sociais.

Presidentes do governo, revolucionários, físicos, químicos, biólogos, médicos, naturalistas, fisiologistas, astrônomos, escritores e um longo etc. De Madero a Sir William Crookes, de Sir Alfred Russel Wallace a Sir Arthur Conan Doyle, de Victor Hugo a Charles Richet. Uma longa lista de nomes e nacionalidades, que encheriam de linhas e vírgulas estes parágrafos, que buscam apenas lembrar outro tipo de paladinos, os menos conhecidos, mas com a mesma missão de ir acendendo luzes após séculos de escuridão, e nesta ocasião queremos lembrar particularmente um deles.

A Espanha da segunda metade do século XIX ficara abalada após o Auto de Fé de Barcelona em 1861, por alguma razão a espiritualidade tinha pensado no país de Cervantes para realizar uma manobra de publicidade

em larga escala. Provavelmente porque a Espanha era a ponte e o porto de partida para a América Latina, culturalmente, mas também pela emigração de espanhóis, que seriam contados nos anos seguintes em números imensos, para os vinte países do outro lado do Atlântico, incluindo o Brasil. E na Espanha, além do Auto de Fe, de Amalia Domingo Soler, de Fernández Colavida, havia homens, mulheres e nomes aos quais ainda não foi feita justiça, a do merecido reconhecimento.

É, por exemplo, o caso de Quintín López Gómez, nascido em Salamanca em 1864, que com apenas 14 anos aprende a profissão de gráfico, assim marcando seu destino de passar o resto de sua vida colocando preto no branco, literalmente, mas também literariamente pelo seu lado de escritor com mais de cinquenta obras espíritas.

Várias revistas espíritas da época devem a Quintín López sua existência e também a direção e, mais frequentemente, sua colaboração escrita. Ele fundou a revista *Lumen*, como fluxo luminoso que chegaria a se fundir com a *Revista de Estudos Psicológicos* de Colavida. Também destacou por seu papel ativo dentro do movimento espírita nacional e internacional.

Em suas linhas, ressalta o espírito divulgador, como um Carl Sagan da época, ele achega a ciência às pessoas comuns, mas nas entrelinhas brota frequentemente a riqueza escondida do filósofo, que transporta uma vez e outra vez à reflexão profunda e se lê sem ver, se percebe sem ler o pensamento do autor, misteriosa arte e fenômeno frutos do gênio e da inspiração. Ignorantes ainda da nossa história, os espíritas da atualidade podemos e devemos beber dessas fontes, nos alimentarmos desta seiva, porque talvez só assim os mesmos frutos possam brotar e algum dia novos líderes do progresso possam aparecer.

Espanha, 09 de agosto de 2019

**Salvador Martín**  
**Ex-presidente da Federación Espírita Española**

***Esboços de Epistemologia Espírita*** contém os dois relatórios apresentados por Quintín López no Congresso Internacional.

- Da noção de Deus. Problema Religioso: Deus
- Como divulgar o Espiritismo? Qual o sistema de propaganda mais conveniente?

Ambas as obras foram muito bem acolhidas e especialmente aplaudidas durante o Congresso Espírita de 1934. Quintín López, já septuagenário, com exatamente 70 anos, foi aclamado pelos delegados de todos os países participantes e foi reconhecido como um dos mais brilhantes pensadores que configuraram o Espiritismo, a partir da sua codificação por Allan Kardec.

Apenas restavam a ele mais dois anos para estar neste plano, já que desencarnaria em Tarrassa em 13 de maio de 1936. A Providência quis levá-lo dois meses antes da eclosão da guerra civil espanhola, evitando assim que ele passasse pelo conflito bélico e o posterior estabelecimento de uma ditadura com apoio clerical, que suprimiu as liberdades republicanas e perseguiu todas as organizações progressistas, seculares e livres-pensadores, e dentro delas, é claro, o movimento espírita espanhol.

# I

## DA NOÇÃO DE DEUS



Das questões a serem tratadas pela Primeira Secção do Congresso Trienal da “Federação Espírita Internacional” que estamos celebrando, o enunciado que aparece em primeiro lugar é o seguinte:

### **Problema religioso: Deus.**

Concordamos de bom grado em que esta questão está sendo imposta ao Espiritismo militante pela necessidade, tanto de obter um critério mais uniforme com respeito a ele, quanto pelo fato de que este critério seja a exegese filosófica mais depurada que, entre todos aqueles que tenham a audácia de enfrentá-la, venha a ser formulada.

E declaramos ser um dos grupos com o melhor desejo de encarar essa tarefa, embora reconhecendo e confessando os poucos recursos que temos para realizá-la.

Sirva lá, então, para o que servir, exporemos o nosso critério, para o qual não pedimos benevolência, mas crítica, uma raciocinada e severa crítica.

\* \* \*



O homem é religioso por natureza; e ele é assim por se reconhecer fraco, impotente para se bastar a si mesmo, e porque, queira ele ou não, vê-se sujeito a leis e forças que em vão tenta contrabalançar.

Neste fato inconcusso, de todos os tempos e de todos os lugares, é onde reside a base da Religião natural, em primeiro lugar, e das inúmeras religiões que vêm se sucedendo ao longo dos séculos, depois.

Não vamos nos demorar em justificar essa afirmação, pois ela é uma verdade geralmente aceita. Por outro lado, desperdiçaríamos com isso o tempo e espaço necessários para o desenvolvimento de nossa tese. O que diremos, é que toda Religião reflete hoje — e sempre refletiu — o estado mental e emocional de seus fundadores e adeptos, justificando o que já foi dito, que o homem sempre criou seus deuses à própria imagem e semelhança.

E assim é, e não poderia ter sido de outra forma; porque o homem, em todos os momentos, não teve outros instrumentos para se capacitar do seu ambiente, do que seus cinco sentidos, apoiados por sua razão; e todos sabemos quão deficientes e falaciosos eles são, e que a razão não deixa de ser um produto mais ou menos aquilatado das experiências acumuladas.

Com tais instrumentos, o ilógico era que os deuses concebidos pelo homem não tivessem sido à imagem e semelhança dele.

Nesse mesmo caso estamos nós; de modo que, ao nos arriscarmos a pretender dar uma ideia do que o Espiritismo deve entender por seu Deus, não podemos fazer outra coisa senão aventurar uma hipótese em harmonia com nossa capacidade estésica e noológica; seja isso dito em desencargo da nossa consciência e como justificativa para tamanha ousadia.

\* \* \*

Para nos reduzirmos o máximo possível nessa tarefa, já que somos obrigados a ser concisos, vamos dispensar qualquer outra Teologia que não seja aquela que nos foi ensinada quando éramos crianças: que, afinal, ainda é a preponderante nos povos latinos.

O Deus que fomos ensinados a rezar e temer, é um Senhor infinitamente absoluto e absolutamente infinito, bom, sábio, justo, onisciente e misericordioso, que com o seu poder sobrenatural criou todas as coisas do nada, com apenas a eficácia de sua palavra, por sua vontade e para sua glória; o dito Senhor tem um Céu para recompensar os bons com uma recompensa eterna, e um Inferno para punir os maus, também com castigo eterno.

Vamos falar sobre cada um desses postulados e ver o que podemos induzir ou deduzir deles.

*Deus é um Senhor Infinitamente Absoluto e Absolutamente Infinito* – Perfeitamente: só assim cabe a afirmação teológica de que sua onipresença abrange todo o lugar e tempo, e que tudo pertence a Ele, Nele e através Dele.

*É infinitamente bom, sábio, justo, onisciente e misericordioso* – De fato, da infinita bondade e sabedoria, a infinita justiça, a infinita onisciência ou a infinita misericórdia não podem ser separadas, porque não é possível se conceberem umas sem as outras: são corolários mútuos.

*Com seu poder sobrenatural, Ele criou todas as coisas do nada, com apenas a eficácia de sua palavra, por sua vontade e para sua glória* – Aqui nossa razão, nossa mirrada razão, não adere tão fácil e incondicionalmente ao postulado. Olha em toda parte, e em nenhum lugar vê esse nada do qual as coisas foram criadas. Como poderia vê-lo, se há pouco nós concordamos em que Deus era O Infinito Absoluto e O Absolutamente Infinito; em que sua onipresença abrange todo o lugar e tempo, e em que tudo atua nele e por Ele? Se se admitisse esse nada, que pelo simples fato de admiti-lo já seria alguma coisa, ou nada, seria suficiente para limitar O Absolutamente Infinito e O Infinitamente Absoluto de Deus; já haveria algo que não fosse em Deus, de Deus ou por Deus; já haveria dois relativos, um tão imenso quanto se desejar e outro tão microscópico quanto a matemática pode calcular; mas afinal, duas realidades por si mesmas substantivas; duas unidades heterogêneas que seria impossível unir essencialmente.

*E Ele tem um Céu para recompensar os bons com uma recompensa*

*eterna, e um Inferno para punir os maus, também com castigo eterno –* Cuidado! Disseram-nos que Deus, com o seu poder infinito, criou todas as coisas do nada e, portanto, o homem; e também nos foi dito que ele é infinitamente Onisciente, Bom, Justo e Misericordioso. Então o homem, bom ou mau, é como Deus o criou; e se, em sua Onisciência Infinita, Ele sabia, já antes de criá-lo, como o homem iria se comportar, e ainda assim Ele o criou, nós não sabemos ver como sua infinita Bondade e Misericórdia poderiam ser combinadas com aquela Sua Infinita Justiça, que pune ou recompensa com inferno ou céu eternos um comportamento que, além de ser relativo, era, e não poderia ser diferente, aquele a que o Poder Infinito e a Sabedoria Infinita o predestinaram.

E assim, nesse estilo, poderíamos multiplicar as deduções, se entrasse em nossos cálculos fazer a vivisseccção do Credo que nos foi ensinado assim que começamos a balbuciar; mas essa não é a nossa intenção, que, por outro lado, entraria em flagrante conflito com a nossa persuasão de que toda religião, apesar de seus erros e procedimentos, tem sido e é, um caminho mais ou menos tortuoso que tem inclinado as gerações para o seu Tabor moral.

O que nos guia, o que nos impulsiona nessa tarefa, é o nobre desejo de tentar inquirir uma nova ideia de Deus e da Religião, que está mais de acordo com nossas luzes atuais; que não nos leve a desfazer com uma afirmação, o que apresentamos como postulado em outra afirmação, e que sirva como mira para avanços no mesmo sentido que o nosso eviterno futuro nos deparar.

E agora, mais descarregada nossa consciência com esta confissão, continuamos nossa tarefa.

\* \* \*

Eis uma hipótese alheia e não recente, que interpretaremos com rigoroso senso crítico. Encontra-se nos três primeiros versículos do Evangelho de São João e diz:

"I. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens."

Segundo a definição da Academia da Língua, "Verbo é a parte da sentença que designa essência, ação, paixão ou estado, quase sempre com expressão de tempo, número e pessoa"; e no que diz respeito ao verbo ser, diz que é "o único que expressa a ideia de essência ou substância".

À vista destes antecedentes, podemos transferir para a nossa vulgar língua romance os três versos do evangelista João, da seguinte forma:

DO INÍCIO, isto é, de toda a eternidade, foi e esteve em Deus e com Deus no Infinito Absoluto de Seu Ser, a ESSÊNCIA, dotada de toda POTÊNCIA ou AÇÃO geradora de paixão ou estado e determinadora de tempo, número e pessoa ou unidades relativas, simples, completas e perfeitas possibilidades e também em relação ao desenvolvimento das possibilidades de suas homogêneas; e entende-se que pelo Verbo, isto é, pela ESSÊNCIA, todas as coisas foram feitas, e sem o Verbo, ou sem a ESSÊNCIA, nada do que é feito fora feito, porque tudo o que é feito, seja o que for, acusa formação ou produção no tempo e no espaço de algo específico, não diferente da essência da qual vem enquanto ser, mas diferente dela em termos de estado ou modo de ser e de se manifestar no tempo e no espaço. E compreende-se, a EVOLUÇÃO UNIVERSAL, que nada mais é do que a REALIZAÇÃO gradativa das formas da ESSÊNCIA atualizar a sua POTÊNCIA.

Este modo de conceber DEUS, a PRIMEIRA CAUSA, a RAIZ SEM RAIZ, não se desprende, com certeza, daquilo que a Ciência nos proporcionou ou a Filosofia nos deu, porque a Ciência somente observa e experimenta os fenômenos que estão ao seu alcance, e a Filosofia só infere aquilo que a partir da observação e experimentação pode ser induzido ou deduzido. Desprende-se daquilo que a FÉ nos fornece, assessorada pela intuição, tocada pelo raciocínio e ligeiramente apoiada na experiência; aquela FÉ que começa por reconhecer que ela não pode definir, que não pode demonstrar cientificamente o DEUS que ela sente no fundo de sua alma, no



íntimo de sua consciência, mas que a intuição lhe impõe como um postulado irrecusável; aquela FÉ que afirma claramente que pelo mesmo motivo que ela não pode definir, que não pode demonstrar Deus com argumentos científicos, por isso mesmo é que ela acredita mais nele e, portanto, aceita-o com maior evidência; já que se Ele fosse pela Ciência demonstrável, ou simplesmente definível, seria igual ou inferior a ela, teria suas próprias ou similares limitações e estaria sujeito às mesmas mudanças.

Bom, sábio, justo, poderoso...? Não, esse não é o DEUS que a intuição coloca ao alcance da FÉ. Bondade, sabedoria, justiça, poder... são propriedades do que Ele é, mas não O QUE ELE É; da mesma forma que tamanho, cor e forma são propriedades do objeto, mas não o objeto. As propriedades são todas geradas por comparação, e o DEUS da Fé é incomparável, e pela mesma causa deve ser Absoluto, ou não será. Então, ou Deus não é DEUS, ou não é bom ou mau, justo ou injusto, sábio ou lento: é somente DEUS, que está em tudo, o manifestado e o não manifestado, como tudo, manifestado e não manifestado, está Nele, não por união, não por fusão hipostática, mas substantivamente, constituindo cada ser e cada coisa uma expressão Sua no relativo como Ele a constitui no ABSOLUTO.

Obcecação Heresia? Absurdo?

Ousadia, em qualquer caso; mas ousadia sublime.

Prossigamos.

\* \* \*

Deus é, e não pode ser menos, O ABSOLUTO e, portanto, O Incognoscível. Tentar defini-lo seria uma quimera, um absurdo.

No entanto, é necessário, é indispensável para nós, insistirmos neste ponto; porque, de acordo com o conceito que forjarmos da Teologia natural ou Teodiceia, assim também serão as consequências que deduziremos.

Além disso, se bem não podemos dizer o que é Deus, isso não nos deixa impedidos de pesquisar o que Ele não pode ser e o que Ele não pode deixar de ser: isso é justamente o que fazemos com quase todas as outras

coisas, das quais poucas ou nenhuma vez que perguntamos o que elas são, e sim o que elas não são, e o que elas não podem deixar de ser, sem, portanto, podermos afirmar que elas sejam o que imaginamos que são.

Assim, dizemos: Deus é O Absoluto, não porque saibamos ou possamos saber algum dia o que designamos com este artigo e este adjetivo, mas porque sabemos o que a palavra 'relativo' designa, isto é, limitado, perfectível, em possibilidade de comparação com outro ser ou coisa; o qual não pode deixar de ser, por conseguinte, a sua antítese, que, seja o que for, é o que em nossa linguagem recebe a qualificação de Absoluto. Nós também dizemos Dele que é O Incognoscível, sem podermos sequer formar uma ideia remota do que queremos dizer com isso; mas sabemos que tudo o que cabe em nosso conhecimento é observável, comparável, induzível, deduzível, etc., e isso é suficiente para concluirmos que Deus não pode ser cognoscível nem pode deixar de ser incognoscível. E, finalmente, aplicamos a Ele o O, porque corresponde àquele caráter de integridade, de totalidade que atribuímos a Deus, pois se disséssemos absoluto ou absolutos, incognoscível ou incognoscíveis, fica claro que poderia ser interpretado como adaptado a um ou muitos absolutos ou incognoscíveis em uma certa ordem de possibilidades ou fenômenos, que não por isso deixariam de ser relativos e cognoscíveis a partir do momento em que admitiriam comparação com aqueles que não considerássemos no mesmo grau manifestativo; enquanto o nosso propósito e a nossa finalidade é indicar aquele que não admite comparação por conceito algum, aquele que É em Si mesmo e por Si mesmo absolutamente íntegro, absolutamente total.

\* \* \*

Afirmar que "Deus não permite que tudo seja revelado ao homem", implica, teológica e filosoficamente falando, um defeito na expressão, ou então um absurdo manifesto. Será a primeira coisa, se quisermos interpretar naquelas palavras que Deus sendo O Absoluto, e o homem relativo, nunca o homem chegará ao conhecimento Dele, porque para isso

seria necessário que antes também se fizesse, não absoluto, já que nem mesmo o absoluto em sapiência poderia abranger todo conhecimento, mas O Absoluto, isto é, igual a Deus: uma coisa metafisicamente impossível, porque O Absoluto não admite duplicação. E será um absurdo se entendermos essa afirmação ao pé da letra, porque O Absoluto não pode querer agora o que não vai querer depois, nem se determinar de qualquer outra forma senão como um ato puro, como uma Atualidade imanente e permanente, como Aseidade.

Admitamos, em vez disso, a primeira exegese, e acharemos perfeitamente raciocinado que o homem vá penetrando nos segredos da Natureza — não de Deus, porque Deus não pode ter segredos — à medida que progride em ciência e virtude, e mesmo conseguindo, por intuição, saber o que a ciência não pode ensinar, especialmente se descartamos, como é nos é forçoso, pelo imperativo categórico da imutabilidade e da imanência do Absoluto a que já aludimos antes, o *'Deus o quer'* que é aduzido aqui como Causa eficiente e limitante do conhecimento humano. Tudo, neste caso, fica reduzido ao desenvolvimento natural das potencialidades psíquicas do homem, que é, pensando logicamente, o que constitui o progresso e a revelação positiva através da troca de ideias entre os seres inteligentes.

\* \* \*

Apesar de suas muitas deficiências, a razão humana pode se permitir proposições com atributos apodícticos, e uma delas é a seguinte: A Essência ou Substância é coeterna com O ABSOLUTO, sem ser O ABSOLUTO; razões? Se a Essência tivesse precedido O Absoluto, este não seria O, e sim UM absoluto apenas relativo; se tivesse vindo depois dele, apresentaria estes dois inconvenientes: ou Deus lhe deu o ser do nada, e do nada, nada é feito, ou então já existia, pelo menos em potencial, alheia a Ele, e neste caso, nem Ele, nem ela, teriam a propriedade do absoluto. Portanto, é necessário aceitar que a Essência ou Substância, coeterna com O ABSOLUTO enquanto Aseidade, entra nas limitações de tempo, espaço e

relação concomitante ao ser atualizada em suas propriedades.

E eis porque uma mesma Essência pode nos ser oferecida, e é oferecida a nós, aqui como matéria com todas as aparências de inerte; lá como uma força ativa com todas as aparências de imaterialidade; ali, como sensiência orgânica rudimentar, com esboços de instinto; acolá, como inteligência relativamente livre em organismos também livres; em planos mais superiores, como espíritos esclarecidos, como Gênios precursores, como Cristos... sem que por isso a Essência deixe de ser a mesma Essência nem deixe de ter propriedades a desenvolver até o infinito.

\* \* \*

Mesmo a substância sendo composta de um único elemento dotado de todas as possibilidades e até mesmo reconhecendo que os cheiros, cores, sabores, densidades, pesos, formas, etc., dependem apenas das modificações que esses elementos podem sofrer e da disposição dos órgãos destinados a percebê-las, seria difícil conceber que todas as coisas tivessem uma origem comum, não reconhecendo a esse elemento um ser e um estar diferentes daqueles que nos impressionam e não o apreciando como um todo abstrato integrado por unidades efetivas naturalmente simples, completas e perfeitas e potenciais até o infinito. Muito menos ainda conceberíamos que tudo está em tudo, e que "a formação de um mundo, a germinação de uma bolota e a concepção de uma ideia, obedecem à mesma lei", porque o que entra pelos olhos não é isso.

\* \* \*

Convenhamos em que é um abstruso entre os abstrusos, o enigma da diferenciação entre Deus e o Universo; isto é: o de como e porque, do ABSOLUTO, o relativo poderia ser derivado. Nosso quase desconhecido González Soriano, em sua obra mais luminosa O Espiritismo é a Filosofia, tenta decifrar o mistério assumindo Deus como uma unidade sintética de dois elementos substanciais, um, "o infinito e absolutamente perfeito, onde

reside a infinita absoluta inteligência e o infinito absoluto poder"; outro, "o infinitamente perfectível, onde reside a infinita imperfeição em inteligência e poder"; aquele, a total realidade que realiza tudo; este, a realidade parcial que é realizada; um, o realizador; o outro, o realizável; e entre ambos os dois, constituindo O Todo, O Infinito, Deus.

Os metafísicos mais sutis do Oriente; aqueles que em suas elucubrações chegaram à afirmação de que, de tudo quanto é efeito ou coisa manifestada, outro tanto é conhecido pela Consciência Cósmica e outro tanto cochila e pode ser desvelado em nossa própria consciência; aqueles que nos falam dos Logos Senhores do Cosmos com seus Sete Filhos de Vida e de Luz, e seus Lipika, Maharajás e Construtores; aqueles que nos descrevem planos, sub-planos, cadeias planetárias, rondas, etc, etc, e pelo seu modo de dizer, parece que eles já chegaram, de dedução em dedução, a surpreender os mais admiráveis segredos genésicos; aqueles, dizemos, ou confessam humilde e nobremente que nada sabem daquilo que diz respeito à diferenciação que nos ocupa, ou eles a consideram uma "emanação", ou um "pensamento" do Grande Logos ou Parabrahma, ou então afirmam que essa diferenciação não tem nada de verdade e que apenas Maya ou a ilusão nos faz ver o que não existe nem mesmo em sombra.

Outros teólogos e metafísicos obviam a dificuldade com uma criação impossível; e aqueles que optam por converter a Natureza em uma Aseidade submetida a leis, não reparam ou não querem reparar em que, ao fazer isso, não resolvam o problema, apenas o deslocam, simplesmente.

Nós também — infelizes! — nada sabemos e não forjamos a ilusão de que com essas disquisições chegaremos a saber alguma coisa; mas, como o intelecto é forçado a preencher as lacunas que encontra em suas andanças, senão com verdades irreduzíveis, com hipóteses mais ou menos aventuradas, nos permitiremos expor a nossa, que será a mais deficiente de todas, tudo bem; mas será a nossa, no que cabe nos expressarmos desse modo.

Partindo do conceito de Deus que emitimos, a afirmação de que, sendo O ABSOLUTO, deve abranger o mais e o menos de todos os cálculos, é imposta como uma necessidade lógica; isto é, como Ser, deve abranger todas as possibilidades de chegar a ser; Onisciente, todas as possibilidades de consciência e de sapiência; como Onipresente, Infinito e Eterno, todas as possibilidades de agir no tempo e no espaço; como Onipotente, todas as possibilidades de realização no real, etc, etc; porque se não fosse assim, deixaria de ser O Imanente e O Imutável, pois toda manifestação implica uma mudança no ser ou coisa em que ela se opera, ou deixaria de ser O ABSOLUTO, já que as modalidades matéria, força, sensação e consciência, por mais ilusórias que queiramos supor que elas são em relação a Ele, produzem em nós, em cada alma, tal evidência de coisa real, que não podemos de modo algum aceitá-las como quimeras, nem podemos, conseqüentemente, deixar de concluir, ou que elas são por si mesmas, ou que são por Deus, em Deus e de Deus.

\* \* \*

Com esta hipótese, com este modo de ver O ABSOLUTO, não há nem criação, nem formação, nem emanção, nem diferenciação substantiva de espécie alguma: há somente realização em formas infinitas do que foi, o que é e o que será por toda a eternidade imanente em essência, correspondendo com a atualização de suas possibilidades infinitas de chegar a ser, em modos diversos também ao infinito. E a partir daqui surge toda Lei, porque a partir daqui começa a correlação de todo efeito com a sua causa; e daqui parte toda ideia e toda forma, porque daqui parte todo existir no tempo e no espaço; e daqui parte, enfim, que tudo o que existe é de Deus, está em Deus e subsiste por Deus, sem por isso ser DEUS, porque daqui parte a diferenciação entre o Sujeito e o objeto, entre a Entidade e o atributo, entre O Imanente e Infinitamente Absoluto e o transcendente e indefinivelmente mutável. Deus É O TODO, porque é O ABSOLUTO; mas tudo não é Deus, porque nem juntos nem separadamente deixam de ser



soma de parcelas.

\* \* \*

Partindo daqui a Lei, a Moral também deve começar daqui; e se vimos que aquela correlaciona todo efeito com sua causa, dando lugar a se realizarem as infinitas possibilidades de chegar a ser ingêntas na Essência, em modos de ser também diversos ao infinito, esta, a Moral, deve se comportar da mesma maneira: não totalitária e inflexível em seus preceitos, mas equiparável ao estado evolutivo de cada Ego, para deixar também um caminho aberto para toda emulação ordenada.

Enriquecer, ampliar e purificar em nós mesmos essa soma de parcelas de possibilidades transformadas em atualidades, é o que constitui o que entendemos por progresso e o que deve constituir nossa Religião sacrossanta, não como um culto de Latria, que do Absoluto Infinito nada pode dar ou tirar a nossa reverência particular, mas por meio da superação da nossa própria dignidade, que colocando-se mais alinhada com a lei, deve resultar em nosso próprio benefício, particular e coletivamente.

Isso, e não outra coisa, é o que a Religião e a Moral exigem de nós; não um culto externo e formulário, que se contente de aparências e não mova o Ego a modificar e endireitar seus passos. E para isso não há necessidade de templos, ritos ou sacerdotes: a consciência particular é suficiente para nós, porque nos acusa inflexível pelos nossos desvios e generosamente aplaude nossas boas ações.

\* \* \*

Vamos estabelecer nossa conclusão.

O que diferencia o relativo de O Absoluto, a parte no Todo, os seres em O Ser, o perfectível é O Perfeito... é o resultado policromático da realização em formas infinitas de O que Foi, É e Será, *in aeternum*, IMANENTE EM ESSÊNCIA, e, por esta regra de três, o que é oferecido a nós como evolução, progresso, conquista e extensão de faculdades, etc., não é outro

senão A REALIZAÇÃO EM CADA GERME DAQUILO QUE POSSUI EM POTÊNCIA. Porém ...

\* \* \*

Convenhamos em que os atrevimentos da razão humana, por maiores que sejam, por mais colossais que sejam, devem sempre permanecer do lado de fora da porta do mistério genético. Seu poder de se remontar a tais alturas é muito pequeno!

O que em lógica sadia nos é imposto é, ou rejeitar Deus — O ABSOLUTO — e neste caso já vimos ao que tudo fica reduzido — ou O aceitamos desde toda a eternidade em sua Imanência.

## II

# COMO DIVULGAR O ESPIRITISMO?

## ¿QUAL O SISTEMA DE PROPAGANDA MAIS CONVENIENTE?

\*\*\*\*\*

Todo empreendimento humano requer, para ser realizado com sucesso, primeiro um bom planejamento; ser vitalizado, depois, com o verbo da decisão, e dignificado, por último, com a exemplaridade.

Para planejar o problema "Como divulgar o Espiritismo?", devemos primeiro esclarecer o que vamos entender por Espiritismo.

Foi dito em todos os tons que o Espiritismo é um sistema científico, filosófico e moral, que tende a conhecer todas as leis da natureza e a determinar a missão do homem, dentro dessas leis, em seu eviterno viver.

Portanto, a primeira coisa que nos é imposta é adaptar o máximo possível o Espiritismo que tentamos difundir, às leis da Natureza.

Esse é o aspecto científico do Espiritismo.

“O espiritismo deve ser científico, ou nada será”, disse Kardec, com uma visão profética; e o tempo nos tem demonstrado que o Espiritismo que não seguiu esse caminho veio caindo sob o peso do ridículo a que foi condenado por sua credulidade simplória.

É, portanto, necessário, para que o Espiritismo se enraíze e cresça orgulhoso, que sobre tudo, e acima de tudo, seja científico, e que a primeira coisa que seus divulgadores devem levar em conta é contrastar com os postulados da Ciência as hipóteses que eles venham a emitir.

Ciência e Filosofia não são coisas díspares e antagônicas, mas aspectos da mesma realidade, que, se forem de acordo, irão proporcionar uma visão e compreensão mais claras e amplas do motivo examinado, e discordando, irão entenebrecê-lo e desvirtuá-lo. Portanto, é necessário que o Espiritismo a divulgar entrelace ambos os aspectos com o fio de Ariadne que distinguimos com o nome de Lógica.

Se a Ciência e a Filosofia não são díspares entre si, também não são com a Moral; pelo contrário, esta é o ornamento daquelas. Então o Espiritismo que deve ser divulgado, precisa ser o Espiritismo Científico, Filosófico e Moral.

\* \* \*

E o que é Ciência Espírita, Filosofia Espírita e Moral Espírita?

A mesma coisa que a Ciência, Filosofia e Moral em geral, mas aplicadas aos nossos postulados.

A ciência é reduzida ao conhecimento cada vez mais amplo e refinado das coisas pelas leis que as governam, do qual resulta que ela não é imutável, embora seja imperecível. Nossa Ciência, em nenhum de seus aspectos policromáticos, não é a Ciência de nossos tataravós no presente; mas é a mesma ciência no virtual. Eles tinham por Ciência o que conseguiam determinar com sua observação e os meios à sua disposição;

nós temos por Ciência o que conseguimos entender com a nossa observação e os meios à nossa disposição. A fonte é a mesma, e os mesmos teriam sido os resultados se não tivéssemos mudado, melhorando-os, os meios de observação. Mas nem a nossa Ciência é toda a Ciência, nem está livre de nebulosas; e, conseqüentemente, a nossa verdade também não é toda a Verdade nem está livre de erros; do que se segue que a nossa Ciência — e falamos agora da Ciência Espírita — apoiada pelos postulados da Ciência Geral, não pode e não deve dizer: “Esta é a verdade”, mas pode e deve dizer: “esta é a verdade do presente. ”

Da mesma forma deve se comportar em relação à Filosofia. Esta, como sabemos, baseia-se na observação por excelência. Newton deduziu a Lei da Gravidade a partir da queda de uma maçã. Para milhares de pessoas, o fenômeno não teria tomado qualquer importância; para o gênio reflexivo de Newton, teve a de fazer que ele meditasse sobre o porquê de todos os corpos caírem verticalmente em direção ao centro da Terra. O filósofo, então, é aquele que, da coisa mais trivial na aparência, sabe extrair o suco, e por uma série de verdades concatenadas, induz ou deduz uma lei que nelas é comum, e que em muitas ocasiões não é contrastada pela experiência, mas sim pela lógica, que é a verdade de ordem moral ou metafísica, tão ou mais positiva do que aquela que é vista e sentida.

Na Moral, finalmente, devemos também dar maior preferência ao fundo do que à forma e, acima de tudo, devemos desenvolver seus mananciais. Estes são fornecidos pelas emotividades, que, por sua vez, têm por massa as sensações. Ensinar a distinguir as sensações é ensinar como polir as emotividades e gerar uma Consciência reta, justa e equânime. Não é o medo que torna o homem bom, justo, íntegro: é a persuasão de que ele deve proceder dessa maneira, para ficar alinhado à Lei.

\* \* \*

Assim se faz, então, a Ciência Espírita, e assim a Ciência Espírita deve ser divulgada, desenvolvendo e refinando a sensibilidade, retificando e sublimando as emoções e exercitando a lógica, que nos proporciona os

conhecimentos, tanto físicos quanto metafísicos e morais.

Quais os melhores meios para esse trabalho? Não existe outro mais adequado do que o estudo; isto é: observação, análise e indução e dedução filosófica. Ginástica físico-psíquica, muita ginástica físico-psíquica! Física, para nos manter com uma mente saudável em um corpo saudável; psíquica, para poder saltar do conhecido para o desconhecido com a ajuda do trampolim da lógica.

Não esqueçamos que qualquer questão que abordarmos, se a abordarmos bem, estará em perfeita concordância com o nosso Credo!

\* \* \*

Procedimentos? Todos são bons, todos são úteis, desde que se adaptem às circunstâncias de lugar e meio.

A conversa em família, o discurso, o panfleto, o jornal, o livro, o rádio... e acima de tudo, e principalmente, o exemplo pessoal.

Por nós invocarmos Ciência, Filosofia e Moral, devemos refletir nas nossas palavras e nas nossas ações que elas são prendas que nós usamos. Por nós invocarmos o livre exame, não temos o direito de ser intransigentes ou dogmáticos. Por aceitarmos a evolução, devemos aguardar sem pressa a germinação, o desenvolvimento e a frutificação da semente que disseminarmos à mão cheia.

Organização? A mais apropriada em cada caso; mas sempre com o objetivo de irradiar nossas aspirações de maior desenvolvimento intelectual e moral, sem o tríplice mofo do fanatismo, do pedantismo e do lucro.



# ANEXO



## REVISTA EL IRIS DE PAZ

\*\*\*\*\*

Em 15 de março de 1883, via a luz na cidade de Huesca El Iris de Paz, uma publicação espírita quinzenal, que seria o órgão da sociedade.

Esta publicação espírita acabará sendo a janela para o exterior da Associação de Livres-pensadores que dirigiu Mariano Marco e também da Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos presidida por Domingo Monreal, aparecendo em suas páginas (inicialmente com 8, a duas colunas) informações e trabalhos de colaboradores. Entre eles estavam: Amalia Domingo Soler, o Visconde de Torres Solanot, Enrique Oltra, Vicente Aguirre, Salvador Marco, Esteban Chavala, Severo Lasala, Sixto Huerta, Ramón Alamán, Pedro Morcate, Mariano Bellestar, Constantino Oliveira, Mariano Pérez, Félix Ferrer, Bernabé Morera, Feliciano Sáenz e Lorenzo Fuyola, entre outros.

El Iris de Paz, suspensa após o surgimento de uma epidemia de cólera em Huesca, publicaria seu número 65 e último, em 31 de dezembro de

1885, e seus colaboradores passaram a ser enfermeiros ajudando a aliviar os efeitos da epidemia na cidade. Essa transformação dos membros da Sociedade Sertoriana em enfermeiros benevolentes motivou serem propostos para a Cruz de Beneficência, que eles rejeitaram.

Em 1889, mudou-se para Barcelona e, mais tarde, para Tarrassa, onde ocupou um cargo na prefeitura daquela cidade. Lá, ele se casou com María Rosa Coll y Coll, que seria sua companheira pelo resto de sua vida.

Naquela época, o movimento espírita espanhol havia crescido significativamente; centros e sociedades foram estabelecidos em todo o país; e numerosas revistas circulavam, como o *Jornal de Estudos Psicológicos* (Barcelona), *La Revelación* (Alicante), *El Buen Sentido* (Lérida), *El Criterio Espiritista* (Madrid), onde o jovem Quintín López passou a colaborar regularmente.



## REVISTA LUMEN

\*\*\*\*\*

Revista fundada, dirigida e editada por Quintín López, esta publicação era caracterizada por seu extraordinário conteúdo científico e filosófico, sendo considerada uma das melhores revistas espíritas publicadas na Espanha. Quintín López Gómez (1864-1936) foi um dos mais frutíferos escritores e propagadores do Espiritismo (com mais de cinquenta obras).

De acordo com a sequência dos números que temos disponíveis (conforme ao número de Volume e Ano), começaria a ser publicada em 1896, embora segundo Mario Méndez Bejarano apareceu em 1893, semanalmente e com gravuras, e essa é a data para a qual estamos definitivamente inclinados, depois de consultar a bibliografia a esse respeito, e levando em conta uma breve interrupção. Já que existem divergências em relação à sua publicação inicial, até falando algumas fontes ser 1883 a data original (Armengol e Oscar García), o que parece muito improvável, e pode ser devido a um erro tipográfico do artigo original de Armengol, já que Quintín López estava em 1883 quase recém-chegado ao

Espiritismo, com 19 anos, e ocupado com zelo no *El Iris de Paz*, dentro da Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos de Huesca, à qual acabava de se associar.

*Lumen* nasceu com o seguinte subtítulo: "Jornal semanal ilustrado dedicado às classes populares". Na manchete da primeira edição constava que a publicação era dedicada ao Espiritismo, Magnetismo, Hipnotismo, Ciências Ocultas / Revista Científico-filosófica de Estudos Psicológicos.

Tamanho: 24,4 x 17 cm. Número de páginas: 32 mais 4 de capa (a paginação começava em janeiro de cada ano e continuava nos números seguintes até completar um volume anual). Periodicidade: semanalmente no início e depois mensalmente durante a maior parte de sua existência.

Começou a ser editada na Imprensa de Juan Torrents, em San Martín de Provensals, Rua Triunfo, nº 4. Nesta primeira etapa o editor também exercia como administrador. A direção da Redação e da Administração era a mesma da imprensa. Posteriormente foi publicada em Tarrassa, na Imprensa e Litografia de José Ventayol Vilá, Praça de Mosén Jacinto Verdaguer.

Além da mencionada, a sua redação e administração esteve em vários outros endereços: Rambla de Egara, nº 205, R/ Pantano, nº 91, e R / Rutlla, nº 14, todos em Tarrassa, e em R / Diputación, 195 e 197 1º, 2º de Barcelona. Entre os administradores estavam Juan Torrents, Joaquín Fábregat e Pedro López Giménez (pai de Quintín López), entre outros.

Em 1894 *Lumen* publica *Concordância do Espiritismo com a Ciência*, e no final desse ano funde-se com o *Jornal de Estudos Psicológicos*, passando Quintín López a ocupar a chefia da Redação, e mantendo-se na direção o Visconde de Torres Solanot, que na época estava se recuperando de um problema de saúde.

Entre seus redatores: Luz Alba, Margarita Gil, Víctor Melcior, Fabián Palasí, Eugênio García Gonzalo e Joaquín. Entre as assinaturas de seus textos estão as de Ángel Aguarod, Alcides Argüedas, Gastón Bourníquel, Juan José Julio Elizalde, Amadeo Gallart, Gustavo Geley, Manuel González Soriano, Bernardo Obrador, Abdón Sánchez Herrero, Salvador Sales,

Francisco Arqués, Manuel Sanz Benito e Joaquín Huelbes Temprado, entre outros. Publicou artigos e notícias sobre a filosofia espírita e fez um relatório das atividades da Federação Espírita Espanhola, do Centro de Estudos Psicológicos de Barcelona e dos Congressos Espíritas Internacionais.

Após uma breve pausa, reaparece em 1898, com uma tendência a tal ponto inovadora que nem todos os espíritas gostaram. Reaparece de forma independente, inaugurando a terceira época da publicação (Terceira Época, Ano Terceiro). É subtitulada: "Revista Mensal de Estudos Psicológicos". Nesse ano aparecem como redatores a Srta. Luz Alba, Margarita Gil, o Dr. Vítor Melcior, Fabian Palasí, Eugenio García Gonzalo e Joaquín Segura, e como colaboradores, o Dr. Manuel Sanz Benito e o Dr. Joaquín Huelbes Temprado, Manuel Navarro. Murillo, Salvador Sellés, Miguel Gimeno Eito, Francisco Arqués, Juan Mir, Francisco Segura, José Rocamora e Nicanor Gómez. Em 1899 são incorporados; Amalia de la Torre; Miguel Bianchi Delgado; Gregorio Álvarez e Wenceslao de la Vega. Em 1918 o subtítulo já é "Revista Científico-Filosófica de Estudos Psicológicos".

Em 1926 é impressa nas Oficinas de Artes Gráficas E. Verdaguer Morera, R / Topete, 2 a 16, de Tarrassa.

**Lumen**, segundo algumas fontes, deixou de ser publicado em 1926 quando uma doença do seu fundador e diretor impediu continuar a publicação. No entanto, verificamos que, nas revistas espíritas argentinas de 1928, a **Lumen** ainda era listada como revista de troca, com endereço na Rua Rutla, nº 14, em Tarrassa, o que indicaria que ela poderia ter continuado a ser publicada por mais um ano.

Além de Quintín López Gómez, atuou como diretor de **Lumen** Sebastián Roquet.

Aqui possuímos quatro números, um correspondente a 1923, e os outros três do ano de 1926, de periodicidade mensal e paginação variada, com o subtítulo *Revista Científica-Filosófica de Estudos Psicológicos*.

